

Diretor Editorial
Claudio M. Rothmuller

Tradução
José Ricardo Brandão Azevedo
Master em International Business
University of South Carolina

HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO

Uma Perspectiva Crítica

E. K. HUNT
University of Utah

12ª Reimpressão



Preencha a ficha de cadastro no final deste livro
e receba gratuitamente o informativo da Campus


EDITORA
CAMPUS

TEORIAS DO IMPERIALISMO: AS TEORIAS DE HOBSON, LUXEMBURG E LENIN

O capitalismo sempre foi um sistema econômico que funcionou em escala internacional. A captura e a venda de escravos africanos foi uma importante fonte da acumulação inicial de capital nos primeiros estágios do capitalismo. A conquista forçada das Américas e da África foi uma grande fonte de entrada de metais preciosos na Europa. Estes metais preciosos possibilitaram a monetização de grande parte da economia europeia — uma precondição necessária para a produção de mercadorias. A subjugação forçada de muitos povos coloniais originou muitos "sanitários" privilegiados de lucros para muitas empresas comerciais europeias, criadas pelo Governo ou por ele protegidas, nos primeiros estágios do capitalismo.

Em fins do século XVIII e na primeira metade do século XIX, porém, o impeto da industrialização pareceu ocupar quase toda a atenção, o tempo e o dinheiro dos capitalistas. Houve, naquela época, um abrandamento da ansia dos capitalistas de conquistar, colonizar, subjugar e explorar as regiões afastadas do Atlântico Norte, onde nasceu o capitalismo. Mas este abrandamento foi temporário. No último terço do século XIX, enquanto o poder industrial, financeiro e comercial se vinha concentrando em mãos de empresas gigantes e impérios financeiros internos que se estavam formando em todos os grandes países capitalistas, houve uma orgia mundial de imperialismo capitalista. Os principais países capitalistas industrializados subjugavam brutalmente e pela força áreas em todo o mundo para dar lucro real ou potencial a empresas gigantes.

Na África, por exemplo, apesar de séculos de comércio sangrento e infame de escravos, os países capitalistas europeus mal tinham ultrapassado as áreas costeiras no início do século XIX. Mas no início do século XX, após um ataque impiedoso e bárbaro, 26 milhões de quilômetros quadrados, ou seja, 93% do território africano, tinham sido subjogados pela força ao domínio capitalista estrangeiro. A França tinha conquistado cerca de 40% deste território (em grande parte no deserto de Saara); a Inglaterra tinha conquistado cerca de 30%, e os 23% restantes tinham ficado com a Alemanha, a Bélgica, Portugal e Espanha.

Embora a Companhia Inglesa das Índias Orientais já se dedicasse, há muito tempo, ao comércio explorador na Índia, na segunda metade do século XVIII e em quase todo o século XIX, este comércio deu lugar a uma brutal conquista militar e a uma cruel exploração econômica e social. Em fins do século XIX, esta exploração assumiu um caráter tão sério, que mais de dois terços da população estavam mal nutridos; retaravam a fome, a doença e a miséria, e, em 1891, o hindu vivia em média menos de 26 anos e, geralmente, morria na miséria.

Também em fins do século XIX, quase todo o resto da Ásia estava dividido entre as potências capitalistas europeias. Em 1878, os ingleses ocuparam o Afeganistão e colocaram-no sob o governo hindu, que era dominado pela Inglaterra. Em 1907, a Pérsia foi di-

vidida entre a Rússia e a Inglaterra. Em 1887, todo o território da Indochina tinha passado ao domínio francês. A península da Malásia e o arquipélago da Malásia (com uma extensão de quase cinco mil quilômetros) foram subjogados e retalhados. Os ingleses tomaram Cingapura e a Malásia, a parte setentrional de Bornéu e o sul da Nova Guiné. A outra parte da Nova Guiné ficou com os alemães e quase todas as demais ilhas (uma área equivalente a dois milhões de quilômetros quadrados) ficaram com os holandeses.

O imperialismo norte-americano também foi desenvolvido naquela época. Por uma série de sangrentas irrupções, invasões e subjugação militar das populações nativas, os Estados Unidos mantinham, na Primeira Guerra Mundial, o controle de Samoa, da Ilha Midway, do Havaí, de Porto Rico, de Guam, das Filipinas, de Tutuila, Cuba, República Dominicana, Haiti, Nicarágua e a Zona do Canal do Panamá.

Durante o frenesi imperialista do último terço do século XIX, a Inglaterra ocupou pela força cerca de 11 milhões de quilômetros quadrados, anexados ao seu império; a França ocupou mais de 8 milhões de quilômetros quadrados; a Alemanha, 2,5 milhões; a Bélgica, 2,3 milhões; a Rússia, 1,3 milhão; a Itália, 500 mil; os Estados Unidos, 350 mil. Ao todo, um quarto da população mundial estava subjogada e sob o domínio dos governos capitalistas da Europa e dos Estados Unidos.

Para os governos capitalistas, esta subjugação e este domínio eram desejáveis por duas razões. Primeiramente, quase todos estes povos conquistados viviam em sociedades não-capitalistas, onde não havia o mercado e, por isso, suas culturas não-pecuniárias tradicionais representavam barreiras à exploração comercial e à sede de recursos das grandes empresas capitalistas. Portanto, estas culturas tinham que ser forçadas a passar pelo que Marx chamava de "acumulação primitiva", a fim de estabelecer as relações comerciais amplas e a dependência universal do mercado, necessárias para a exploração comercial sistemática. A destruição, pela força, das instituições e dos elos da vida tradicional nestas sociedades foi, obviamente, um processo brutal e sangrento, tal como tinha sido no período de acumulação primitiva na Europa.

Em segundo lugar, mesmo depois de as instituições e os modos de vida tradicionais terem sido destruídos e ter-se estabelecido a dependência econômica generalizada do mercado naquelas áreas subdesenvolvidas, poderia haver termos de troca muito mais favoráveis aos países capitalistas industrializados, se estes países efetivamente dominassem os países subdesenvolvidos.

Os economistas neoclássicos nunca voltaram suas investigações teóricas para a questão do imperialismo (e até hoje não fizeram isso). Isto não nos deve surpreender, pois, para eles, toda teoria econômica era meramente uma extensão de uma elaboração da teoria da troca. Aspectos do imperialismo que não envolviam troca econômica puramente voluntária eram definidos como "não-econômicos", não tendo qualquer interesse para estes economistas; aspectos que envolviam troca não eram diferentes de qualquer outra troca — ambas as partes se beneficiavam e havia harmonia. Na teoria econômica neoclássica, passou a haver um campo de investigação especial chamado "economia internacional". Tratava quase que inteiramente do desenvolvimento das idéias de Smith, Ricardo e Mill, que mostravam que os ganhos com o comércio internacional eram essencialmente os mesmos que os obtidos com qualquer forma de especialização e de troca. De acordo com a teoria econômica neoclássica, as principais diferenças entre trocas internacionais e trocas

internas em uma mesma nação baseavam-se, primeiramente, no fato de os governos poderem criar tarifas ou outras restrições ao livre comércio internacional e, em segundo lugar, no fato de que entravam em jogo diferentes moedas. A economia internacional neoclássica consistia basicamente em provas utilitaristas de que todas as restrições ao comércio deveriam ser abolidas, para que o livre comércio beneficiasse a todos, em todas as nações, de maneira comumente harmoniosa e segundo teorias dedutivas complicadas, visando a mostrar como seriam determinadas as taxas de câmbio entre diferentes moedas, em condições de concorrência pura e de harmonia internacional.

Como a teoria neoclássica supunha que suas categorias teóricas — a utilidade, a troca, as rendas, os lucros e os salários — fossem características universais de todas as sociedades e que o capitalismo fosse "natural" e "eterno", os teóricos neoclássicos dificilmente faziam uma análise da destruição voraz das instituições culturais tradicionais de antigas sociedades não-capitalistas. Quase sempre, o problema parecia resumir-se ao fato de que o povo dessas sociedades tradicionais simplesmente não conseguia perceber o "grande benefício" e a "harmonia" com que o mercado os abençoaria, quando suas sociedades se abrissem à exploração capitalista. Além do mais, assim como os teóricos neoclássicos da utilidade conseguiram ver que o benefício era representado por um trabalhador sem propriedade alguma, trocando sua força de trabalho por um salário de subsistência, em lugar de evitar a troca e a fome, achavam que, depois que o povo das culturas subjugadas pelo imperialismo ficasse empobrecido, passando a depender do mercado para sua própria existência, esta troca (independentemente do relativo poder de barganha de seus dominadores estrangeiros) também o beneficiaria. Afinal de contas, trocar e viver na pobreza, sofrendo privações e com falta de tudo, era, sem dúvida, preferível a não trocar e morrer.

Há que se dizer, com toda a justiça, que poucos teóricos neoclássicos importantes foram direta e explicitamente apologistas da conquista militar. Simplesmente a ignoraram como sendo um assunto estranho à economia; depois, considerando-a um fato consumado, ignoraram o relativo poder de barganha dos agentes de troca (como fizeram, praticamente, em todas as suas análises da troca) e elogiaram os benefícios universais e a harmonia resultante da troca.

Muitos teóricos de Economia fora da tradição neoclássica, porém, se interessaram pelo imperialismo. Procuraram entendê-lo, na esperança de que este entendimento ajudasse na luta para pôr fim à exploração imperialista. No capítulo anterior, discutimos a interpretação de Veblen sobre a natureza, as causas e as consequências do imperialismo. Neste capítulo, discutiremos resumidamente as teorias da natureza e das causas do imperialismo, desenvolvidas por J. A. Hobson, Rosa Luxemburg e V. I. Lenin.

TEORIA DO IMPERIALISMO CAPITALISTA, DE HOBSON

John A. Hobson (1858-1940) foi um intelectual extraordinariamente produtivo; escreveu muitos trabalhos, que chegaram a atingir mais de trinta volumes. Durante toda a sua vida, foi um defensor de diversas causas sociais progressistas. Seu livro intitulado *Imperialism: A Study*, publicado pela primeira vez em 1902, talvez tenha sido o estudo mais influente sobre o imperialismo publicado até hoje. Quase todas as tentativas poste-

riores de entender o imperialismo foram significativamente influenciadas pela obra pioneira de Hobson.

Hobson via o imperialismo como um "processo social parasitário, através do qual interesses econômicos existentes no interior do Estado, usurpando as rédeas do Governo, promovem a expansão imperialista para explorar economicamente outros povos, de modo a extorquir-lhes a riqueza para alimentar o luxo nacional."¹ Hobson percebeu que o imperialismo era um fenômeno complexo e de muitas faces. Era fruto de muitas forças sociais isoladas, como o nacionalismo, o patriotismo, o fervor religioso e o militarismo; bem como da busca incessante de mais lucros pelos capitalistas. Estava, portanto, interessado em investigar estas várias forças sociais para verificar qual era sua importância relativa para a criação e a perpetuação do imperialismo.

Na propaganda oficial que justificava o imperialismo, este era, geralmente, descrito como uma tentativa bem intencionada de "civilizar" e de "levar o cristianismo" às "terras interiores". O presidente dos Estados Unidos, McKinley, por exemplo, descreveu o sufocamento brutal, sangrento e militar do movimento de independência filipino por tropas americanas como uma tentativa bem intencionada de "educar os filipinos, no sentido de elevá-los e torná-los cristãos". A mesma justificativa foi repetida por quase todos os países imperialistas e capitalistas. Hobson achava que, embora esta fachada de "cristianização" e "elevação" dos "povos atrasados do mundo" não fosse uma mentira puramente propagandística, era um disfarce ilustório e fraudulento por trás do qual se escondiam os verdadeiros motivos do imperialismo:

Todos nós sabemos muito bem que os missionários ingleses, em sua maioria, são bastante inertes, não sendo capazes de misturar motivos políticos com motivos comerciais e que se põem a trabalhar exclusivamente com o espírito de auto-sacrifício, ansiosos para salvar as almas dos pagãos não com a preocupação de promover o comércio inglês ou "sanctificar o espírito do imperialismo".²

Este trabalho missionário era estimulado, na opinião de Hobson, porque dava, aparentemente, motivos elevados aos políticos e homens de empresa dedicados à exploração imperialista: "O político sempre acredita e o empresário não raro acha que motivos elevados estejam associados aos benefícios obtidos."³ Era, de fato, este elemento cristão do imperialismo que constituía uma de suas piores características:

É precisamente nesta deturpação da verdadeira importância dos motivos que residem o vício mais grave e o maior perigo do imperialismo. Quando, dentro uma série de motivos variados, se escolhe o menos convincente para divulgar, por ser o mais apresentável, quando aspectos de uma política que não passaram pela mente dos que a formularam são tratados como causas principais, baixa-se o moral da nação. Toda a política do imperialismo está presa a este engano.⁴

Alguns teóricos daquela época tinham explicado o imperialismo, simplesmente, como o resultado do militarismo e do jacobinismo, que, para eles, eram inerentes à natureza hu-

1 HOBSON, J. A. *Imperialism: A Study*. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1965, p. 367.

2 *Ibid.*, p. 203.

3 *Ibid.*, p. 197.

4 *Ibid.*, p. 198.

mana. Embora Hobson admitisse que os serviços militares "fossem, obviamente, imperalistas por convicção e por interesse profissional e que cada aumento das forças militares... fortalecia o poder político que elas exerciam"⁵, achava que isto era um traço universal de todos os militares e que, portanto, não poderia explicar o recente surto de domínio imperialista. Os oficiais militares não constituíam o principal poder político na sociedade. Além do mais, o patriotismo e o jacobinismo não eram, para Hobson, características inerentes à natureza humana. Eram, isto sim, socialmente aprendidos: "O jacobinismo é, meramente, a cobardia do espectador, não purificada de qualquer esforço, risco ou sacrifício pessoal, regozijando-se com os sofrimentos, os perigos e a morte de seus semelhantes desconhecidos, mas cuja destruição ele deseja com um sentimento de ódio e de vingança cego e artificialmente simulado."⁶

Este ódio cego era "artificialmente simulado" porque "o Partido, a Imprensa, a Igreja e a Escola moldam a opinião pública e as políticas públicas segundo a falsa idealização daquelas ânsias primitivas de luta, domínio e aquisição... cuja simulação é necessária... para a agressão, a expansão e... a exploração imperialista pela força"⁷.

Outros teóricos atribuíam o imperialismo à natureza intrinsecamente cega e irracional da Política. Hobson discordava:

A loucura desastrosa destas guerras, os danos materiais e morais causados até ao vencedor parecem tão simples para o espectador desinteressado, que ele é capaz de se desespertar diante do fato de qualquer Estado passar anos sem atos imperialistas, inclinando-se a considerar estes estados naturais como um sinal do irracionalismo da Política. Mas uma análise cuidadosa das relações entre Economia e Política mostra que o imperialismo agressivo que procuramos entender não é, basicamente, um produto de paixões cegas... ou da loucura associada à ambição dos políticos. É muito mais racional do que parece à primeira vista. Irracional do ponto de vista de toda a nação, é racional do ponto de vista de certas classes da nação.⁸

A força básica que promovia e dirigia o imperialismo era, na opinião de Hobson, a ânsia interminável de acumular capital e de investir os lucros obtidos com este capital em novo capital igualmente lucrativo. O problema era que, uma vez acumulado o capital, ficava cada vez mais difícil encontrar alternativas de investimento para ele:

O imperialismo agressivo, que custa tão caro aos contribuintes... que acarreta tantos perigos sérios e incalculáveis ao cidadão, é uma fonte de grandes ganhos para o investidor, que, não conseguindo encontrar em seu próprio país a aplicação lucrativa que procura para seu capital, insiste em que o Governo o ajude a encontrar investimentos lucrativos e seguros no exterior.⁹

Hobson mostrou que o investimento não era mais dominado pelos indivíduos ou mesmo pelas empresas (embora estes, certamente, fossem importantes). Nas economias capitalistas avançadas, bancos gigantescos e instituições financeiras dominavam o investimento externo:

- 5 Ibid., p. 50.
- 6 Ibid., p. 215.
- 7 Ibid., p. 221.
- 8 Ibid., p. 47.
- 9 Ibid., p. 55.

Estes grandes negócios - operações bancárias, descontos de duplicatas, movimentação de empréstimos, promoção das empresas - constituíam o cerne do capitalismo internacional. Unidos pelos mais fortes vínculos de organização, sempre em contato mais próximo e mais rápido entre si, situados no próprio centro do capital empresarial de todos os Estados, controlados... principalmente por homens... que tinham, atrás de si, uma experiência financeira de séculos, estavam em posição sem igual para manipular a política das nações. Um movimento direto e rápido de capital se era possível com o seu conhecimento e por seu intermédio...¹⁰

Tudo isto político importante que envolvia um novo fluxo de capital ou uma grande flutuação dos valores dos investimentos já feitos tinha que ter a aprovação e a ajuda prática deste pequeno grupo de reis das finanças. Estes homens, que tinham sua riqueza realizada e seu capital empresarial - como tinham que ter - aplicado, principalmente, em ações e obrigações, tinham um risco duplo, primeiro como investidores e, em segundo lugar e principalmente, como agentes financeiros...¹¹

Conceder novos empréstimos ao público, lançar ações de novas empresas e provocar flutuações constantes e consideráveis dos valores são três condições para suas lucrativas operações. Cada uma destas condições se envolve na política e se faz apoiar o imperialismo... Uma política que desperdiça o meio de agressão... e que atinja a inutilidade de nações comerciantes... provoca enormes gastos com armamentos e dívidas públicas cada vez maiores, enquanto as dívidas e os riscos provocados por esta política provocam aquela constante oscilação de valores dos títulos, tão lucrativa para o financista hábil. Não há uma guerra, uma revolução, uma mortandade anarquista ou qualquer outro choque público que não seja aproveitado por estes homens; eles são as sanguessugas que extraem seus ganhos de todas as despesas obrigatórias e de toda perturbação súbita do crédito público.¹²

Hobson, após ter examinado os dados empíricos que mostravam os lucros de investimentos externos e do comércio de exportação e importação, concluiu "que a renda obtida sob a forma de juros sobre os investimentos externos era multíssimo maior do que a obtida sob a forma de lucro com o comércio... habitual"¹³. Considerando esta enorme lucratividade e o enorme poder econômico e político dos grandes banqueiros e financistas, Hobson concluiu que eles - e não os missionários cristãos, os políticos irracionalistas, os militares ou o segmento jacobino da população - é que eram os principais responsáveis pelo imperialismo.

Em vista do papel desempenhado pelos fatores não-econômicos do patriotismo, da aventura, da ação militar, da ambição política e da filantropia na expansão imperialista, pode parecer que atribuir aos financistas tanto poder é adotar uma interpretação da História excessivamente calcada no aspecto econômico. É verdade que a moeda mestra do imperialismo não é basicamente financeira: as finanças pertencem a quem dirige a máquina do imperialismo, controlando a energia e determinando seu trabalho; não são o combustível do motor nem geram diretamente o imperialismo. As finanças manipulam as forças patrióticas que os políticos, os soldados, os filantropos e os comerciantes geram; o entusiasmo para a expansão proveniente destas fontes, embora forte e genuíno, é irregular e cego; o interesse financeiro possui aquelas qualidades de concentração e de cálculo exato, necessárias para o funcionamento do imperialismo. Um estadista ambicioso, um soldado de fronteira, um missionário superzeleoso e um comerciante ativo podem sugerir ou mesmo dar início a um processo de expansão imperialista, podem ajudar na educação da opinião pú-

- 10 Ibid., p. 56-58.
- 11 Ibid., p. 53.

blica no sentido da necessidade urgente de uma iniciativa nova, mas a determinação final fica por conta do poder financeiro.¹²

Embora os grandes capitalistas financeiros fossem os controladores do imperialismo, não eram nem seus únicos beneficiários nem sua causa última. Havia três grupos principais de capitalistas que se beneficiavam com o imperialismo. Primeiramente vinham os financeiros, que eram os mais importantes. Depois vinham "certas firmas grandes dedicadas à construção naval bélica ... à fabricação de revólveres, espingardas e outros materiais necessários para as Forças Armadas".¹³ Em terceiro lugar vinham "os grandes fabricantes de artigos de exportação, que ganhavam ... satisfazendo as necessidades reais ou artificiais dos novos países conquistados ou cujas portas tivessem sido abertas".¹⁴

Não bastava mostrar quem ganhava com o imperialismo. Hobson queria mostrar por que o imperialismo era necessário para esses capitalistas auferirem seus lucros — por que eles não podiam ter lucro investindo, comprando e vendendo em seu próprio país ou comerciando com outros países capitalistas. Por que, então, era preciso subjugar uma cultura não-capitalista, destruir suas instituições tradicionais e torná-la economicamente dependente do mercado e politicamente dependente de seu conquistador imperialista? Qual era a causa última do imperialismo? Qual era, em outras palavras, a "raz econômica do imperialismo?"¹⁵

A resposta, na opinião de Hobson, deveria ser encontrada na rápida e crescente concentração do poder e da riqueza industrial ocorrida no último terço do século XIX. Tanta riqueza concentrava-se em tão poucas mãos, que a distribuição da renda anual tinha ficado muitíssimo desigual. A renda anual auferida pelos capitalistas com sua riqueza colossal era tão grande que até os gastos mais extravagantes e luxuosos de consumo os deixariam com enorme excesso de renda — ou poupança — para a qual eles não tinham outro uso senão investí-la na acumulação de mais capital.

Uma época de concorrência acirrada, seguida por um rápido processo de concentração, tinha trazido uma enorme quantidade de riqueza para as mãos de um pequeno número de capitais de indústria. O luxo em que esta classe vivia, por maior que fosse, não conseguia acompanhar seu aumento de renda, e houve, em escala sem precedentes, um processo de poupança automática. O investimento destas poupanças em outras indústrias ajudou a colocá-las sob as mesmas forças de concentração.¹⁶

Esta situação econômica teve um desequilíbrio inevitável. A distribuição de renda era tão desigual que, mesmo depois de os operários terem gasto toda a sua renda em consumo e os capitalistas terem gasto tudo o que era praticamente possível em consumo (dada a restrição última de que leva tempo para se comprar e consumir mercadorias), os capitalistas ainda tinham tanta poupança forçada que, se toda essa poupança fosse usada para aumentar as instalações de produção, o crescimento da capacidade produtiva de bens de

consumo inevitavelmente ultrapassaria o crescimento de sua procura (que era limitada pela capacidade dos trabalhadores e pela capacidade prática máxima de consumo). Quando a capacidade de produção crescia mais depressa que a procura de consumo, logo surgia um excesso desta capacidade (em relação à procura de consumo) e, com isso, havia poucas possibilidades de investimento lucrativo no próprio país. O investimento no exterior era a única resposta. Mas o investimento só era possível se os países não-capitalistas pudessem ser "civilizados", "cristianizados" e "elevados" — quer dizer, se suas instituições tradicionais pudessem ser destruídas à força e seu povo pudesse ser obrigado a cair sob o domínio da "mão invisível" do capitalismo de mercado. Desse modo, o imperialismo era a única resposta.

Alguns críticos de Hobson chamaram-no de "subconsumista ingênuo", querendo dizer que ele não percebeu que a própria produção criava renda de valor exatamente equivalente — de modo que, se fosse gasta toda a renda, toda a produção poderia ser vendida. Estes críticos nunca se deram ao trabalho de ler Hobson com atenção. Ele percebeu este simples fato tão claramente quanto qualquer defensor conservador da *Lei de Say*. Assim é que escreveu:

O que quer que seja ou possa ser produzido pode ser consumido, pois existe uma correlação entre o que é produzido, sob a forma de renda, lucro ou salários, que constitui a renda real de algum membro da comunidade, e o que ele pode consumir ou trocar por outro bem consumível com outra pessoa que o consumirá. A cada coisa produzida, gera-se um poder de consumo. Então, se houver bens que não possam ser consumidos ou que nem mesmo possam ser produzidos, por ser evidente que não poderão ser consumidos, e se houver uma quantidade de capital e de trabalho que não possa ser plenamente empregada, porque seus produtos não poderão ser consumidos, a única explicação possível para este paradoxo é a recusa dos que têm capacidade de consumir em usá-la na procura efetiva de mercadorias.¹⁶

Os capitalistas ricos não se recusavam, em princípio, obviamente, a gastar toda a sua renda. Gastavam tudo o que era praticamente possível levando uma vida luxuosa. Preferiam investir sua poupança em capital que lhes rendesse mais ainda no futuro. O problema era o desequilíbrio entre os recursos destinados ao consumo e os destinados a investimento. Com o consumo limitado pela distribuição de renda gritantemente desigual, logo ocorria uma falta de alternativas lucrativas de investimento. Os capitalistas não podiam continuar expandindo a capacidade de produzir bens de consumo além da procura e continuar tendo lucro com os bens não vendidos. Portanto, tinham três escolhas: (1) continuar gastando toda a sua renda e estocar os produtos não vendidos; (2) recusar-se a gastar toda a sua renda (isto é, guardar parte dela), reduzindo, assim, a procura efetiva, garantindo, com isto, a impossibilidade de venda de alguns bens já produzidos e provocando uma superprodução geral ou uma estagnação econômica; (3) encontrar alternativas de investimento no exterior por meio de uma política de governo imperialista.

Enquanto perdurasse a atual distribuição da riqueza, Hobson achava que "os ricos nunca teriam a ideia de gastar o suficiente para impedir a superprodução".¹⁷ Os resulta-

¹² *Ibid.*, p. 59.

¹³ *Ibid.*, p. 49.

¹⁴ *Ibid.*

¹⁵ *Ibid.*, p. 74-75.

¹⁶ *Ibid.*, p. 81-82.

¹⁷ *Ibid.*, p. 84.

dos inevitáveis da incapacidade dos ricos de investir toda a sua renda excedente com lucro eram os ciclos econômicos, as depressões e um imperialismo cada vez mais ambicioso:

Em toda parte surgem condições de produção excessivas, excesso de capital em busca de investimento. Todos os homens de empresas admitem que o aumento da capacidade produtiva em sua país ultrapassa o aumento do consumo, que se podem produzir mais bens do que se podem vender com lucro e que existe mais capital do que o que pode encontrar investimentos que o remunerem.

Esta condição econômica dos negócios é que constitui a razão do imperialismo.¹⁸

O capitalismo criou a situação de pobreza generalizada e de privação da classe operária, coexistindo com a capacidade ociosa de produzir mais bens. Isto levava, inevitavelmente, a uma vida luxuosa da classe capitalista rica, explorando sua própria classe operária, além de "viver cada vez mais... de rendimentos auferidos no exterior".¹⁹

Parecia óbvio, para Hobson, que o imperialismo não beneficiava uma nação capitalista como um todo. Beneficiava os ricos a um preço muito alto para os trabalhadores comuns, tanto em termos de impostos como de sacrifícios. O sistema existente de manipulação e controle ideológico dos trabalhadores pelos capitalistas ricos envergou na democracia inglesa. A única esperança na luta para deter o imperialismo era os trabalhadores assumirem o poder, criando uma verdadeira democracia. Em uma verdadeira democracia (em lugar das plutocracias que Hobson via no capitalismo), a riqueza e a renda nunca ficariam tão concentradas. Portanto, a "razão do imperialismo" seria estirpada. Hobson sempre argumentou que "o sindicalismo e o socialismo são, então, os inimigos naturais do imperialismo, pois retiram das classes 'imperialistas' as rendas excedentes que dão o estímulo econômico ao imperialismo".²⁰ Estava convencido de que um "estado completamente socialista, que mantivesse suas contas em dia e equilibrasse suas despesas, logo se descartaria do imperialismo".²¹

TEORIA DO IMPERIALISMO CAPITALISTA, DE LUXEMBURG

Uma das análises mais ricas sobre o imperialismo foi a de Rosa Luxemburg (1870-1919). Tendo sido, durante muitos anos a líder política e intelectual mais importante e influente da ala esquerda do movimento socialista da classe operária alemã, ela foi atacada, gravemente espancada e assassinada pelos soldados alemães de direita, em 1919. Sua análise sobre o imperialismo está em sua obra mais conhecida, *A Acumulação de Capital* (publicada pela primeira vez em 1913), e em uma delas posterior deste livro, intitulada *A Acumulação de Capital - Uma Anticrítica*.

Em *A Acumulação de Capital*, a intenção de Luxemburg era mostrar, baseada no mo-

delo de dois setores de reprodução capitalista ampliada, de Marx,²² que, em uma economia onde só houvesse capitalistas e trabalhadores, o crescimento econômico equilibrado seria impossível. Tentou mostrar que, quando ambos os setores crescessem (com o setor I produzindo os meios de produção e o setor II produzindo os bens de consumo), haveria, inevitavelmente, desequilíbrio entre os dois, inerente ao próprio funcionamento do capitalismo. Em particular, procurou mostrar que seria impossível a procura de bens de consumo produzidos no setor II crescer tão depressa quanto a capacidade de produção destes bens, neste setor.

Com isso, esperava mostrar que era absolutamente necessário o capitalismo estar sempre conquistando novos mercados não-capitalistas, a fim de vender estes excedentes de mercadorias, para que os capitalistas pudessem obter os lucros. Nos primeiros estágios do capitalismo — argumentava ela — tinham sobrevivido muitos remanescentes da produção não-capitalista dentro das fronteiras de todo país capitalista. Conseqüentemente, a expansão necessária do capitalismo pôde ser quase toda interna, nesta fase, quer dizer, o capitalismo como sistema econômico pôde expandir-se dentro dos limites políticos de uma única nação, explorando constantemente as áreas de produção baseada em trabalhos artesanais ou na produção em escala reduzida e independente de alguns produtos (em que os trabalhadores possuíam seus próprios meios de produção), trazendo-as, assim, para o domínio da produção capitalista. Mas, à medida que o capitalismo foi crescendo, estas fontes potenciais de expansão interna se foram esgotando. Desse modo, a expansão imperialista para o exterior tornou-se essencial para a sobrevivência do capitalismo.

A demonstração que Luxemburg fez da necessidade lógica deste tipo de expansão foi falha. Seus resultados só foram atingidos porque ela baseou sua teoria em alguns pressupostos irreais. Neste livro, não apresentaremos a teoria segundo a qual Luxemburg procurava mostrar a necessidade lógica de expansão do capitalismo, nem discutiremos as falhas de sua teoria. O leitor interessado em entender estes aspectos deve ler a introdução admiravelmente sucinta, feita por Joan Robinson, ao livro *A Acumulação de Capital* de Luxemburg.²³ Contudo, apesar dos defeitos do livro de Luxemburg, sobrou uma teoria significativa e convincente do imperialismo.

Depois de estudar cuidadosamente *A Acumulação de Capital*, Joan Robinson concluiu que, com base em muitas afirmativas defensáveis, teóricas e factuais, feitas por Luxemburg, "podemos substituir uma necessidade lógica por uma hipótese plausível sobre a natureza da questão, salvaguardando, assim, o argumento que vem a seguir".²⁴ Foi em seu "argumento que vinha a seguir" que Luxemburg deu suas contribuições duradouras e profundas para compreendermos o imperialismo capitalista. Mencionaremos rapidamente o que Robinson chamou de "hipótese plausível" de Luxemburg (e o que consideramos uma teoria convincente) com relação à natureza e às origens do capitalismo imperialista

¹⁸ *Ibid.*, p. 81.

¹⁹ *Ibid.*, p. 53.

²⁰ *Ibid.*, p. 90.

²¹ *Ibid.*, p. 47.

²² *Ver Cap.* 9 e 10.

²³ ROBINSON, Joan, "Introduction". In: *Rosa Luxemburg, The Accumulation of Capital*. Nova Iorque, Monthly Review Press, 1964, p. 13-28.

²⁴ *Ibid.*, p. 25-26.

e, depois, discutiremos um pouco mais detidamente as contribuições do "argumento que vinha a seguir", de Luxemburg.

O argumento de Luxemburg mostrando as dificuldades de manter uma procura de consumo suficiente para a capacidade de expansão da produção do setor de bens de consumo da economia baseava-se em sua concepção sobre os salários e o comportamento dos capitalistas. Os trabalhadores, em sua opinião, gastavam pacatamente toda a sua renda — como classe, muito embora não o fizessem individualmente — em consumo (e os dados disponíveis, desde os primeiros tempos até hoje, certamente mostram que esta hipótese é razoável). Os capitalistas podiam gastar seus lucros em consumo ou em investimento.

Para o capitalista, "os trabalhadores são ... simplesmente a força de trabalho, que se mantém com parte de sua própria produção, que vem a ser uma necessidade lamentável e reduzida ao mínimo permitido pela sociedade".²⁵ Portanto, à medida que a produtividade de aumentava, a lacuna entre o poder aquisitivo da classe operária e a produção potencial de bens de consumo se ampliava continuamente. É claro que os capitalistas tinham potencial para comprar este excedente de bens de consumo. Mas a classe capitalista, "mesmo com seus luxuosos caprichos"²⁶ nunca faria isso, por duas razões. Em primeiro lugar, havia um limite superior, tanto de tempo quanto de dinheiro, para o consumo de todo indivíduo, e muitos capitalistas austeros reduziam suas despesas a este limite. Em segundo lugar — o que era muito mais importante para Luxemburg — os capitalistas não se motivavam basicamente pelo desejo de consumir, mas sim pelo desejo de acumular mais capital e auferir maiores lucros. Além do mais, como Marx tinha mostrado, a concorrência entre os capitalistas tornava a acumulação progressiva absolutamente necessária para qualquer capitalista, se ele quisesse evitar ser destruído por seus rivais. Portanto, havia uma contradição básica entre o modo como um capitalista gostaria (e precisaria) que seus colegas capitalistas se comportassem e o modo como o sistema concorrencial obrigava-o a se comportar. Qualquer capitalista, isoladamente, veria um colega seu gozando do "luxe da alta sociedade" ... como uma expansão desejável das vendas, isto é, como uma oportunidade ótima de acumulação.²⁷ Mas, ao mesmo tempo, o capitalista, isoladamente, suberia que seu próprio luxo excessivo "era pura loucura, era um suicídio econômico, pois significava a destruição de suas raízes de acumulação".²⁸

Sendo assim, os capitalistas nunca expandiriam seu próprio consumo tão depressa quanto a expansão da capacidade produtiva, devido ao seu desejo insaciável de acumular capital. Apareceria, então, um desequilíbrio entre os dois setores de produção e os capitalistas achariam cada vez mais difícil encontrar oportunidades lucrativas de investimento. O imperialismo parecia oferecer a única solução para este desequilíbrio. Assim, quando abandonamos a afirmação indefensável de Luxemburg, ao demonstrar a necessidade lógica

²⁵ LUXEMBURG, Rosa. *The Accumulation of Capital - An Anti-Critique*. Nova Iorque, Monthly Review Press, 1972, p. 25-26.

²⁶ *Ibid.*

²⁷ *Ibid.*, p. 56.

²⁸ *Ibid.*

do imperialismo, sua teoria resultante é quase que a mesma de Hobson. Em realidade, concordamos com a conclusão de Joan Robinson de que, "num plano puramente analítico, parece que ela (Luxemburg) tem afinidade com Hobson".²⁹

Se o assunto se esgotasse aí, teríamos limitado a discussão, neste capítulo, a Hobson e Lenin. Mas Luxemburg ainda deu ricos esclarecimentos sobre a natureza do imperialismo, que não se encontram nos trabalhos de Hobson ou de Lenin.

Luxemburg percebeu que, em qualquer área em que o capitalismo predominasse, acabaria aparecendo um excesso de capital. A única maneira de se poder continuar conseguindo oportunidades de investimentos lucrativos era através da destruição, à força, de economias tradicionais que não fossem as de mercado (ou economias "naturais", como ela os chamava). Abrindo estas economias tradicionais à exploração capitalista, ficariam disponíveis, para a exploração potencial, novas reservas ricas de matérias-primas e mão-de-obra baratas. Mas o desenvolvimento destas fontes potenciais de exploração exigiria muito investimento. Estas novas oportunidades de investimento diminuiriam o excesso de capital interno e estimulariam uma procura das exportações do país imperialista — quer dizer, de material para a construção de portos, estradas de ferro e todos os meios físicos necessários de exploração do território conquistado. Com isso, as exportações recém-estimuladas do país imperialista não seriam compensadas por um volume correspondente de importações (pois já havia um excesso de bens de consumo no país imperialista), seriam compensadas, isto sim, por uma apropriação cada vez maior da riqueza do território conquistado pelos capitalistas dos países imperialistas. Em outras palavras, o imperialismo era, de fato, uma extensão do que Marx descrevera como "acumulação primitiva" (ver Cap. 9). Achamos que esta foi a contribuição mais duradoura e importante de Luxemburg para se entender o imperialismo capitalista. Por isso, abordaremos mais detidamente este aspecto de sua análise, citando importantes passagens de *A Acumulação de Capital* para exemplificar suas idéias.

Enquanto Marx tinha visto o processo de acumulação primitiva como capaz de explicar somente as origens históricas do capitalismo, Luxemburg viu a acumulação primitiva como uma característica intrínseca da acumulação de capital. Achava ela que a expansão do domínio das relações sociais e econômicas capitalistas sempre fora um meio através do qual era possível a acumulação de capital nas áreas capitalistas. "O capitalismo aparece e se desenvolve historicamente" — escreveu ela — "no interior de uma sociedade não-capitalista".³⁰

A existência e o desenvolvimento do capitalismo requerem um ambiente de formas de produção não-capitalistas, mas nem todas estas formas atenderão a seus fins. O capitalismo precisa ... de um mercado para sua mais-valia ... uma fonte de oferta para seus meios de produção e ... um reservatório de força de trabalho para seu sistema salarial. Para todos estes fins, as formas de produção baseadas em uma economia natural (quer dizer, que não seja de mercado) não têm utilidade para o capital. Em todas as organizações sociais em que existe a economia natural, em que exis-

²⁹ ROBINSON, *Introduction*, p. 20-21.

³⁰ LUXEMBURG, Rosa. *The Accumulation of Capital*. Nova Iorque, Monthly Review Press, 1964, p. 168.

lee

tem comunidades camponesas primitivas com propriedade comum da terra, um sistema de vínculos feudais ou qualquer outra desta natureza, a organização econômica responde essencialmente à procura interna, por conseguinte, não há ... uma necessidade urgente de se dispor dos produtos excedentes. O mais importante, porém, é que, em qualquer economia natural, a produção só prossegue porque os meios de produção e a força de trabalho estão interligados, de uma forma ou de outra. A comunidade camponesa comunista, não menos do que a *corvée* feudal e instituições semelhantes, mantém sua organização econômica sujeitando a força de trabalho, e o mais importante meio de produção — a terra — ao domínio da lei e dos costumes. Uma economia natural enfrenta as exigências do capitalismo, em todos os aspectos, com barreiras rígidas. O capitalismo tem, então, sempre e em toda parte, que travar uma batalha que aniquile toda forma histórica de economia natural por ele encontrada, seja ela uma economia escravista, feudal, baseada no comunismo primitivo ou uma economia camponesa patriarcal. Os principais métodos empregados nesta luta são a força política (revolução, guerra), a tributação opressiva pelo Estado e oferta de mercadorias baratas; os métodos são, em parte, empregados simultaneamente e, em parte, em seqüência e de modo complementar.³¹

Na luta imperialista para subjugar as economias naturais (que não são de mercado) havia quatro objetivos: o primeiro era entrar na posse das enormes quantidades de matérias-primas destes países, fosse pela propriedade direta, fosse pelo barateamento de seu preço; o segundo era destruir os métodos tradicionais de produção, para afastar todo trabalhador de qualquer meio de produção, criando, assim, operários assalariados economicamente dependentes que tinham que vender sua força de trabalho para poder viver; o terceiro era transformar a economia natural em uma economia de mercadorias ou de mercado; o quarto era separar a indústria do comércio e da agricultura, que, em geral, constituam um todo interligado em uma economia natural.

Em outras palavras, os capitalistas tinham que usar o poder coercitivo para criar as relações de mercadorias ou de mercado necessárias para a obtenção da mais-valia. No início, o capitalismo foi obrigado a criar estas condições na Europa. Este era o processo de acumulação primitiva, que quase todos os marxistas julgavam estar encerrado, uma vez que o capitalismo se tinha estabelecido firmemente. Luxemburg discordava. Argumentava que, embora a tarefa de acumulação primitiva tivesse sido essencial nos primórdios do capitalismo,

o capital, no poder, executa a mesma tarefa até hoje e em escala mais importante ainda — com a moderna política colonialista. É uma ilusão esperar-se que o capitalismo venha um dia contentar-se com os meios de produção que pode adquirir pela troca de mercadorias. Quanto a isso, o capital já está enfrentando dificuldades, porque várias áreas da superfície terrestre estão sob o controle de organizações sociais que não têm qualquer vontade de trocar mercadorias ou que não podem, em virtude de toda a sua estrutura social e das formas de propriedade, oferecer à venda as forças produtivas nas quais o capitalismo está basicamente interessado. ... Como as sociedades primitivas dos nativos são a maior proteção de suas organizações sociais e de suas bases materiais de existência, o capitalismo tem que começar planejando a destruição e a aniquilação sistemática de todas as unidades sociais não-capitalistas que obstruem o seu desenvolvimento. Com isso, ultrapassamos o estágio da acumulação primitiva; este processo ainda está em andamento. ...

31 (N. T.) Trabalho gratuito e obrigatório que, em certas ocasiões, os camponeses tinham que executar, tanto na agricultura quanto na construção de estradas, portos etc., nos domínios de seu senhor feudal.

32 *Ibid.*, p. 368-369.

A acumulação, com sua expansão expansionista, não pode mais esperar uma desintegração natural das formações não-capitalistas e sua transição para uma economia de mercadorias, do mesmo modo que não pode esperar o aumento natural da população apta para o trabalho e se contentar com isso. A força é a única solução ao alcance do capital; a acumulação de capital, vista como um processo histórico, tem usado a força como arma permanente, não só em sua gênese, mas até os dias de hoje. Do ponto de vista das sociedades primitivas envolvidas neste processo, é uma questão de vida ou morte; para elas, não pode haver outra atitude que não seja a oposição e a luta para atirar seus fins — a completa destruição e eliminação do processo.³²

Luxemburg prosseguiu em sua análise com uma explicação viva, pungente e mordaz (mas precisa) da verdadeira destruição imperialista das economias tradicionais pela força, pela fraude, pelo roubo e pelo comércio. Algumas culturas tradicionais eram tomadas como colônias; outras eram reduzidas a economias de mercado, dependentes das economias capitalistas imperialistas, embora, nominalmente, continuassem politicamente independentes. Depois desta transformação forçada de uma economia estrangeira, o desequilíbrio econômico interno da economia capitalista imperialista era temporariamente aliviado. Os povos do Terceiro Mundo ficavam parcialmente dependentes das mercadorias produzidas pelo setor de produção de bens de consumo da economia imperialista. Nesta situação, "a produção capitalista fornece bens de consumo em maior quantidade do que suas próprias necessidades — a procura de seus trabalhadores e capitalistas — que são comprados por grupos e países não-capitalistas".³³ Isto significava que as indústrias de exportação dos países imperialistas precisariam de mais bens de capital produzidos no setor produtor de bens de capital. Além disso, para explorar adequadamente estes novos territórios, era preciso fazer grandes investimentos, como construir portos, estradas de rodagem e estradas de ferro. Nesse caso, "a produção capitalista fornece meios de produção em quantidade maior do que sua própria procura e encontra compradores em países não-capitalistas".³⁴

Estas exportações eram financiadas de duas maneiras. Primeiramente, os territórios subjulgados serviam de fonte de matérias-primas baratas que não podiam ser prontamente obtidas no próprio país. "O processo de acumulação ... requer, inevitavelmente, o livre acesso a novas áreas de matérias-primas."³⁵ O segundo método de financiamento das exportações do país imperialista era aumentar a propriedade dos recursos e do capital dos territórios subjulgados por parte dos capitalistas das economias imperialistas. A propriedade de capital nas áreas menos desenvolvidas era muito pouco lucrativa, porque os trabalhadores destas regiões subjulgadas tinham sido reduzidos a uma condição de tão grande miséria que permitia uma taxa de exploração muito alta:

Uma grande massa de camponeses era obrigada a trabalhar; deslocava-se de um trabalho para outro, de acordo com as necessidades, e era explorada até os limites de sua resistência, às vezes ultrapassando-os. Embora ficasse evidente que havia limites técnicos no emprego de trabalho forçado para as finalidades do capital moderno, isto era amplamente compensado pelo poder irrestrito

33 *Ibid.*, p. 370-371.

34 *Ibid.*, p. 352.

35 *Ibid.*

36 *Ibid.*, p. 358.

que o capital tinha de controlar o contingente de mão-de-obra, a duração e as condições de trabalho dos homens, a duração de suas vidas e o grau de exploração desses homens.³⁷

Mas nenhuma conquista ou série de conquistas poderiam resolver para sempre o desequilíbrio econômico do capitalismo. A economia que não era de mercado, tradicional, acabaria totalmente assimilada pelo sistema capitalista. Então, este sistema — incluindo os territórios recém-assimilados — se defrontaria mais uma vez com os mesmos problemas que tinham levado inicialmente à expansão imperialista. Desse modo, o capitalismo tinha que estar sempre tentando expandir suas fronteiras. A acumulação primitiva ampliada, sob a forma de subjugação imperialista e a subsequente destruição de todas as estruturas sociais e econômicas não-capitalistas, era uma característica permanente do capitalismo, na opinião de Luxemburg.

Uma última característica da análise feita por Luxemburg ao imperialismo capitalista merece ser mencionada — sua discussão sobre o militarismo. Ela percebeu que o militarismo fora sempre parte integrante do capitalismo:

O militarismo desempenha uma função bastante definida na história do capital, acompanhando toda a fase histórica de acumulação. Desempenhou um papel decisivo nos primeiros estágios do capitalismo europeu, no período da chamada acumulação primitiva, como meio de conquistar o Novo Mundo e os países produtores de especiarias, nas Índias. Mais tarde, foi empregado para sujeitar as colônias modernas, para destruir a organização social das sociedades primitivas, para que seus meios de produção pudessem ser tomados, para introduzir à força o comércio de mercadorias em países em que a estrutura social lhe fosse desfavorável e para transformar os nativos em um proletariado, obrigando-os a trabalhar sob regime assalariado nas colônias. Foi responsável pela criação e pela expansão de esferas de interesse para o capital europeu em regiões não europeias, pela obtenção de concessões para construir estradas de ferro em países atrasados e pelo empilhamento das obrigações para com o capital europeu, como credor internacional. Finalmente, o militarismo é uma arma na luta competitiva entre países capitalistas por áreas de civilização não-capitalista.³⁸

Além de reconhecer este papel essencial do militarismo na criação e na expansão do capitalismo, ela também foi, dentre economistas, a primeira a ver claramente que, no século XX, o militarismo estava transformando-se rapidamente em uma importante fonte de compensação parcial da deficiência crônica da procura que infestava o capitalismo amadurecido. A tese central do último capítulo de *A Acumulação de Capital* era que "o militarismo tem mais uma função fundamental. Do ponto de vista puramente econômico, é um meio importante para se conseguir a mais-valia". Desempenhava esta função porque agia "como comprador da massa de produtos que continham a mais-valia capitalizada".³⁹

Esta era uma visão notável da natureza essencial do capitalismo em sua fase madura. Quando Luxemburg escreveu seu livro (1913), quase todos os países capitalistas tinham Forças Armadas muito menores do que as que viriam a ter nas décadas que se seguiram à Segunda Guerra Mundial. Só depois de as idéias de John Maynard Keynes (que discutir-

mos no Cap. 16) terem exercido uma influência generalizada, nas décadas de 40 e 50, e depois de o "complexo industrial militar" ter-se agigantado tanto e passado a dominar intensamente em termos econômicos as economias capitalistas posteriores à Segunda Guerra Mundial, é que um grande número de economistas passou a ver claramente que Luxemburg estava certa em sua avaliação sobre a importância do militarismo.

Todavia, nesta avaliação e em sua análise do imperialismo, as descobertas exatas e perspectivas de Luxemburg foram além de sua capacidade teórica. Argumentava ela que, através da tributação indireta, quase todos os custos de manutenção das Forças Armadas eram pagos, forçosamente, pela classe operária.⁴⁰ Mas esta, conforme ela própria reconhecia, gastava praticamente toda a sua renda em consumo. Portanto, na medida em que o militarismo era financiado por impostos cobrados à classe operária, não contribuía para a procura agregada. As descobertas sensíveis de Luxemburg sobre a importância do militarismo como sustentáculo da procura agregada poderiam ter sido calcadas em bases teóricas mais sólidas se ela tivesse percebido que uma parcela considerável dos lucros se destinava ao financiamento do militarismo. A este respeito, o militarismo funciona quase que da mesma maneira que os gastos com artigos de luxo da classe dos proprietários de terras, segundo Malthus — representam uma fonte de procura, que canaliza parte dos lucros para um investimento economicamente improdutivo. Isto permite a manutenção das desigualdades existentes na distribuição da riqueza e da renda, aumenta a procura agregada sem, contudo, aumentar a capacidade produtiva da economia, que tende constantemente a crescer mais rapidamente que a procura agregada.

Luxemburg também deu uma interpretação extraordinariamente perspicaz e antecipada de como o militarismo tendia a diminuir a instabilidade do capitalismo. Como tinham percebido muitos economistas, a partir de William Thompson, mesmo quando não havia qualquer deficiência na procura agregada em uma economia capitalista, a anarquia do mercado criava instabilidade econômica e ciclos econômicos. Isto era devido ao fato de os lucros do capitalista dependerem das decisões de compra e venda de milhares de outros capitalistas e consumidores, decisões estas que não podiam ser conhecidas de antemão pelo capitalista. Conseqüentemente, os capitalistas, inevitavelmente, calculavam errado, às vezes, investindo muito em um setor e pouco em outro. Estes erros, quase sempre, se agravavam quando outros capitalistas pensavam que os capitalistas, mesmo estando errados, continuariam com estes padrões errados de investimento. Portanto, as decisões de investimento baseavam-se em hipóteses erradas, e cada erro agravava o outro. Não raro, o resultado era uma crise econômica ou um colapso econômico (resultando, assim, no uso irracional e ineficiente dos recursos da sociedade).

Luxemburg percebeu isso, e também percebeu que esta anarquia do mercado era particularmente cara, numa época em que empresas gigantesas tomavam decisões de investimento que envolviam centenas de milhões (ou, mais tarde, bilhões) de dólares. Nesta situação, o militarismo representava, para as empresas gigantesas, um alívio bem-vindo e lucrativo da anarquia do mercado. Segundo as próprias palavras de Luxemburg, quando existe militarismo,

37 Ibid., p. 435.

38 Ibid., p. 454.

39 Ibid.

40 Ibid., p. 455.

o semi-nadeno de procura individualis e insignificantes de toda uma gama de mercadorias, que se tornaria procura coletiva em diferentes ocasiões ... são, agora, substituídas por uma procura ampla e homogênea do Estado, e a satisfação desta procura pressupõe uma grande indústria, do mais alto nível. Requer as condições mais favoráveis à produção de massa-aria e à acumulação. Sob a forma de contratos do Governo para o fornecimento de material bélico, o poder aquisitivo dispersos dos consumidores se concentra em grandes quantidades e, livre das oscilações e das flutuações subjetivas do consumo pessoal, consegue uma regularidade quase que automática e um crescimento ritmado. O próprio capital acaba controlando este movimento automático e rítmico da produção militarista com leis e através de um tipo de imprensa cuja função é moldar a chamada "opinião pública". E por isso que esta área particular da acumulação capitalista parece, à primeira vista, capaz de se expandir indefinidamente. Todas as outras tentativas de expandir mercados e estabelecer bases operacionais para o capital dependem, em grande parte, de fatores históricos, sociais e políticos fora do controle do capital, ao passo que a produção para o militarismo representa uma área cuja expansão regular e progressiva parece, basicamente, determinada pelo próprio capital. Assim, o capital transforma a necessidade histórica em uma verdade.⁴¹

Não é preciso dizer que Rosa Luxemburg não acreditava que o capitalismo pudesse ser reformado de maneira tal que deixasse intactas as relações de propriedade capitalistas (e, portanto, as relações de classes capitalistas) e, ao mesmo tempo, eliminasse o imperialismo, o militarismo, a opressão e a exploração. Estes quatro males eram inerentes à própria estrutura social e econômica do capitalismo como sistema. Mas Luxemburg estava convencida de que o capitalismo não continuaria existindo indefinidamente:

Em determinado estágio do desenvolvimento, não haverá outra saída que não a aplicação de princípios socialistas. O objetivo do socialismo não é a acumulação, mas a satisfação das necessidades dos que trabalham através do desenvolvimento das forças produtivas de todo o mundo. Assim, verificamos que o socialismo é, por sua própria natureza, um sistema econômico harmonioso e universal.⁴²

TEORIA DO IMPERIALISMO CAPITALISTA, DE LENIN

V. I. Lenin (1870-1924) foi o líder mais influente do Partido Bolchevista e suas ideias continuaram influenciando quase todos os partidos comunistas contemporâneos. Entre seus livros que são lidos com mais frequência e suas obras mais citadas está *Imperialismo: O Mais Elevado Estágio do Capitalismo*, escrito em 1916. No prefácio deste livro, Lenin reconheceu a influência que o livro de Hobson tinha exercido sobre ele. Em seu livro, Lenin dirigiu-se aos leitores com as seguintes palavras: "Usei o principal livro inglês sobre imperialismo — o livro de J. A. Hobson, com todo o cuidado que, em minha opinião, esta obra merece."⁴³ Em muitos aspectos essenciais, a interpretação de Lenin era impressionantemente semelhante à de Hobson, apesar de muitas afirmativas em contrário feitas pelos discípulos posteriores de Lenin. Faremos um resumo da teoria do imperialismo, de

Lenin, mostrando suas semelhanças com a teoria de Hobson e, depois, discutindo suas diferenças, tanto com relação à teoria de Hobson quanto à de Luxemburg.

Lenin, como Hobson, começou enfatizando a maciça concentração industrial que ocorreu em todos os países capitalistas industrializados em fins do século XIX e início do século XX. "O enorme crescimento da indústria" — escreveu ele — "e a concentração impressionantemente rápida da produção em empresas cada vez maiores são uma das características mais marcantes do capitalismo."⁴⁴ Depois, apresentou muitas estatísticas e dados descritivos e explicações sobre o aparecimento dos monopólios, oligopólios, cartéis e trusts nos principais países capitalistas. Como Hobson, Lenin também ressaltou a importância dos bancos e do capital financeiro na criação do fenômeno do imperialismo capitalista:

Com o desenvolvimento das operações bancárias e sua concentração em um pequeno número de estabelecimentos, os bancos crescem, passando de modestos intermediários para poderosos monopólios, que controlam quase todo o capital financeiro dos capitalistas e dos pequenos empresários e, também, a maior parte dos meios de produção e das fontes de matérias-primas, em um país determinado e em muitos países. Esta transformação de muitos intermediários modestos em uns poucos monopólios e um dos processos fundamentais do crescimento do capitalismo e de sua transformação em capitalismo imperialista.⁴⁵

Na opinião de Lenin, a importância dos bancos ou do capital financeiro advinha da tendência histórica do afastamento dos capitalistas da administração direta das firmas industriais. Cada vez mais esta administração era entregue a uma classe de administradores profissionais, e a maioria dos capitalistas se tinha transformado meramente em uma classe que vivia de rendas, parasitária e sem função e dada ao luxo. A classe dos administradores, porém, tinha que continuar subserviente à classe capitalista. Portanto, alguns capitalistas tinham que dirigir e controlar os administradores que não eram capitalistas, em benefício de toda a classe capitalista. Era, na opinião de Lenin, o setor bancário ou financeiro que desempenhava esta função de supervisionar os interesses de todos os capitalistas. Este controle do capital financeiro sobre o capital industrial era, na opinião de Lenin, uma característica distinta do estágio imperialista do desenvolvimento capitalista — um estágio que, para Lenin, era nítida e significativamente diferente dos estágios anteriores do desenvolvimento capitalista:

É característico do capitalismo em geral que a propriedade do capital seja separada da aplicação deste capital na produção, que o capital financeiro seja separado do capital industrial ou produtivo e que o capitalista que vive inteiramente da renda auferida com o capital financeiro seja atado do homem de empresa e de todos os que estejam diretamente ligados à administração do capital. O imperialismo, ou o domínio do capital financeiro, é o estágio mais elevado do capitalismo em que esta separação atinge enormes proporções. A supremacia do capital financeiro sobre todas as demais formas de capital significa a predominância de quem vive de rendas e da oligarquia financeira.⁴⁶

⁴¹ *Ibid.*, p. 466.

⁴² *Ibid.*, p. 467.

⁴³ LENIN, V. I. "Imperialism, The Highest Stage of Capitalism". In: LENIN, V. I. *V. I. Lenin: Selected Works*. 3 v., Moscow, Progress Publishers, 1967, 1:677.

⁴⁴ *Ibid.*, 1:685.

⁴⁵ *Ibid.*, 1:697.

⁴⁶ *Ibid.*, 1:721.

O controle exercido pelos bancos constituía uma oligarquia financeira, porque os bancos criavam uma rede complexa e interligada de controles sobre as empresas industriais e comerciais, através da propriedade de ações — o que era mais importante — através da criação de diretorias interligadas dos bancos e das outras empresas e de muitas outras empresas fora do setor bancário:

Estabelece-se, por assim dizer, uma vinculação pessoal entre os bancos e as maiores empresas industriais e comerciais, a fusão entre eles pela aquisição de ações, pela nomeação de diretores de bancos para os conselhos deliberativos (ou diretorias) de empresas industriais e comerciais e vice-versa.⁴⁷

Era desta maneira que o "capital financeiro, concentrado em poucas mãos e exercendo um monopólio virtual, auferia lucros enormes e cada vez maiores com a venda de ações de empresas, a emissão de ações, empréstimos nos Estados etc., fortalecia o domínio da oligarquia financeira e cobrava um tributo a toda a sociedade: em benefício dos monopólios".⁴⁸

A análise de Lenin sobre os fundamentos econômicos do capitalismo foi quase que idêntica à "paiz mestra", de Hobson:

No limiar do século XIX vemos a formação de um novo tipo de monopólio: primeiramente, associações monopolistas de capitalistas em todos os países desenvolvidos sob a forma de capitalismo; em segundo lugar, a posição monopolista de alguns países ricos, em que a acumulação de capital atingiu proporções gigantescas. Surgiu um enorme "capital excedente" nos países avançados.

Não é preciso dizer que se o capitalismo pudesse elevar os padrões de vida das massas que apesar do espantoso progresso técnico continuavam em toda parte... empobrecidas não poderia haver dúvida quanto ao capital excedente... mas, se o capitalismo fizesse isso, não seria capitalismo... Enquanto o capitalismo continuar como é, o capital excedente será usado não para elevar o padrão de vida das massas de um país, pois isto implicaria uma queda dos lucros dos capitalistas, mas com o fito de alimentar estes lucros, exportando capital para os países atrasados. Nestes países atrasados, os lucros, geralmente, são elevados, pois o capital é escasso, o preço da terra é relativamente baixo, os salários são baixos e as matérias-primas são baratas.⁴⁹

Desse modo, Lenin e Hobson concluíram que a necessidade econômica premente que levava ao imperialismo era a necessidade de encontrar oportunidades de investimento lucrativo para o capital excedente. Ambos concordavam que a exportação de capital era mais importante do que a exportação de mercadorias, e ambos viam que a exportação de capital levava a um aumento relacionado ou induzido do volume de exportações de mercadorias.

Surgiram duas "divisões do mundo", distintas e bastante separadas, com esta exportação de capital, no estágio imperialista do capitalismo. Primeiro, havia uma "divisão do mundo entre associações capitalistas", como os cartéis de empresas internacionais ou as colossais firmas multinacionais.

47 Ibid., 1:706.

48 Ibid., 1:716.

49 Ibid., 1:723-724.

As associações capitalistas monopolistas, os cartéis, os grupos e os trusts, primeiro, dividiram o mercado interno entre eles e se apressaram quase que por completo da indústria de seu próprio país. Mas, no capitalismo, o mercado interno está inevitavelmente ligado ao mercado externo. O capitalismo já tinha criado um mercado mundial há muito tempo. Com o aumento da exportação de capital e com as diversas formas de expansão das relações externas e das "formas de influência" das grandes associações capitalistas monopolistas, as coisas ganhavam "naturalmente" para um acordo internacional entre estas associações e para a formação de cartéis internacionais.⁵⁰

Mas a fonte última do poder de qualquer capitalista ou empreendimento capitalista, fosse ele nacional ou internacional, era o poder coercitivo do estado. Assim, o domínio do capital financeiro dependia não só do controle das empresas industriais e comerciais, mas também do controle do Governo. "O 'vínculo pessoal' entre os bancos e a indústria é complementado pelo vínculo pessoal entre ambos e o Governo."⁵¹ Como a maioria dos cartéis de empresas internacionais era dominada por muito poucas empresas com sede em um ou dois países, seguia-se que a divisão econômica do mundo entre os cartéis de empresas refletiria e seria promovida pela "divisão" política "do mundo entre as grandes potências".⁵²

A época do último estágio do capitalismo mostra-nos que certas relações entre associações capitalistas se desenvolveram com base na divisão econômica do mundo, ao passo que, paralelamente e relacionadas a isso, certas relações se desenvolveram entre as alianças políticas, entre os estados, com base na divisão territorial do mundo, da luta pelas colônias, da "luta por esferas de influência".⁵³

Desse modo, a segunda divisão do mundo era entre os governos capitalistas e não só refletia como também promovia a primeira divisão do mundo entre os grandes trusts e cartéis. Isto levou muitos apologistas do imperialismo (e alguns críticos brandos do imperialismo, como o influente marxista alemão Karl Kautsky) a concluir que esta partilha política do mundo acabaria levando a uma era prolongada de paz mundial. Lenin, escrevendo durante a Primeira Guerra Mundial, sabia que isto não era verdade. Percebeu claramente que a guerra era uma consequência dos conflitos imperialistas entre as grandes potências capitalistas. Além do mais, para ele, tais conflitos eram, inevitavelmente, inerentes à própria natureza do imperialismo.

A fonte dos conflitos era o fato de que nenhum capitalista, empresa, truste ou cartel capitalista ficava satisfeito com seu nível de lucro. O capitalismo sempre engendrava uma obsessão insaciável, incessante e frenética por lucros cada vez maiores, em todo empreendimento capitalista. Por esta razão, qualquer grande truste só se contentaria pacificamente com uma determinada participação no mercado mundial, quando seus diretores estivessem convencidos de que qualquer tentativa de tomar parte do território de um truste rival resultaria em prejuízos maiores que os ganhos financeiros. Em sua rivalidade, cada truste estava sempre alerta com relação a qualquer indício de mudança no poder que tornasse lucrativa a tomada de um território rival. O conflito era inevitável, enquanto houvesse

50 Ibid., 1:728.

51 Ibid., 1:706.

52 Ibid., 1:734.

se, pelo menos, dois trustes rivais dividindo o mercado mundial: "A divisão do mundo entre dois trustes poderosos não impede uma *redivisão*, se a relação de forças se alterar em decorrência de um fenômeno desigual, de uma guerra, de uma falência etc."⁵³

Portanto, a afirmação de que o imperialismo e a divisão do mundo em "esferas de influência" levavam a um equilíbrio do poder, que, por sua vez, promoviria a paz mundial, era uma apologia ideológica do imperialismo e se baseava num sofisma:

Certos autores burgueses (aos quais se juntou, agora, Karl Kautsky, que abandonou completamente sua posição marxista anterior, que defendera, por exemplo, em 1909) expressaram a opinião de que os cartéis internacionais, como uma das expressões mais marcantes da internacionalização do capital, acenam com a esperança de paz entre as nações e o capitalismo. Teoricamente, esta opinião é absolutamente absurda e, na prática, é um sofisma e uma defesa desonesta e altamente oportunista. Os cartéis internacionais mostram a que ponto chegaram os monopólios capitalistas e o objeto da luta entre as várias associações capitalistas... As formas desta luta podem mudar e estão constantemente mudando, de acordo com as causas variáveis, relativamente específicas e temporárias, mas a *essência* desta luta, seu conteúdo de classe *não* pode, positivamente, mudar enquanto existem classes. Naturalmente, é do interesse da... burguesia... obscurecer a *essência* desta luta econômica (a divisão do mundo) e enfatizar, agora, outra forma da luta... Os capitalistas dividem o mundo, não por qualquer malícia, mas porque o grau de concentração atingido obriga-os a adotar este método, a fim de austerizar lucros, e eles o dividem "proporcionalmente ao capital", "proporcionalmente à força", porque não pode haver qualquer outro método de divisão na produção de mercadorias e no capitalismo. Mas a força varia com o grau de desenvolvimento econômico e político. Para entender o que está ocorrendo é preciso saber as questões resolvidas pelas mudanças da força. A questão de se determinar se estas mudanças são "puramente" econômicas ou não-econômicas (por exemplo, militares) é secundária, não podendo, nem um pouco, alterar idéias fundamentais sobre a última época do capitalismo. Substituir a questão da *essência* da luta e dos acordos entre as associações capitalistas pela questão da forma desta luta e destes acordos (hoje pacíficos, amanhã beligerantes, no dia seguinte beligerantes novamente) é sofismar.⁵⁴

A essência da luta era o controle do mundo e de todos os seus recursos e da força de trabalho de todos os seus habitantes. O capitalismo, na opinião de Lenin, não podia parar enquanto houvesse perspectivas de investimentos mais lucrativos. Portanto, os conflitos internacionais e as guerras freqüentes eram inevitáveis no estágio mais elevado, ou imperialista, do capitalismo. Entre as potências capitalistas imperialistas, "as alianças, independentemente da forma por elas assumida... nada mais são, *inevitavelmente*, do que uma 'trégua' nos períodos entre as guerras".⁵⁵

Apesar do então recente surto de crescimento econômico e do poder mundial dos países capitalistas, Lenin insistia em que o imperialismo representava o último estágio do capitalismo — ou, segundo sua própria expressão, do "capitalismo moribundo".⁵⁶ As principais potências capitalistas se estavam transformando no que Lenin chamara de "estados arrendatários".⁵⁷ Além do mais, o "estado arrendatário é um estado de capitalismo parasita-

rio e decadente".⁵⁸ E difícil entender, porém, precisamente o que Lenin quis dizer, quando afirmou que o capitalismo estava "decadente" e "moribundo", porque ele escreveu que

seria um erro supor que esta tendência à decadência impediria o rápido crescimento do capitalismo. Ela não impediria. Na época do imperialismo, certos ramos de indústria, certos estratos da burguesia e certos países se arlariam, em maior ou menor grau, de várias dessas tendências. De modo geral, o capitalismo está crescendo muito mais depressa do que antes, e este crescimento não só está ficando, de modo geral, cada vez mais desigual, como também esta desigualdade se está manifestando, em particular, na decadência dos países mais ricos em capital (a Inglaterra).⁵⁹

Lenin parecia estar descrevendo um sistema capitalista mundial em crescimento e que demonstrava um equilíbrio mútuo de poder entre os diferentes países capitalistas, mas insistia em que este era o último estágio do capitalismo e um prelúdio do colapso inevitável do sistema.⁶⁰

COMPARAÇÃO DAS TEORIAS DE HOBSON, LUXEMBURG E LENIN

Rosa Luxemburg achava que sua teoria tinha mostrado a necessidade absoluta e lógica da expansão do imperialismo para o capitalismo, mas sua teoria tinha erros e hipóteses erradas. Se deixarmos de lado os aspectos indefensáveis da teoria de Luxemburg, a explicação que ela deu sobre as raízes do imperialismo era essencialmente a mesma que tinha sido dada por Hobson. Além disso, a teoria de Lenin sobre as origens do imperialismo acrescentaram muito pouca coisa às ideias de Hobson. Havia, porém, uma diferença crucial e importante entre a teoria de Hobson de um lado, e as teorias de Luxemburg e Lenin, de outro. Esta diferença foi claramente percebida e apresentada por Lenin: "A questão de se saber se é possível modificar a base do imperialismo, de se prosseguir com maior intensificação ainda e com maior aprofundamento dos antagonismos por ele criados ou de se caminhar para trás, contendo estes antagonismos, é fundamental na crítica do imperialismo."⁶¹

Tanto Lenin quanto Luxemburg achavam que as forças do imperialismo eram inerentes ao sistema capitalista e que nenhuma reforma do capitalismo que deixasse intactas suas bases (as leis da propriedade privada, o mercado e a divisão de classes) poderia eliminar os males do imperialismo. Ambos achavam que só uma revolução socialista que acabasse com as bases do capitalismo poderia eliminar o imperialismo. Embora Hobson fosse socialista e achasse que, no socialismo, não haveria motivo algum para a conquista imperialista, acreditava que as reformas do capitalismo poderiam diminuir os males do imperialismo e fazer do capitalismo uma sociedade um pouco mais humana. De fato, Hobson apoiava ativamente os movimentos de protesto social e os movimentos de reforma voltados para a

53 Ibid., I:730.

54 Ibid., I:733-734.

55 Ibid., I:770.

56 Ibid., I:776.

57 Ibid., I:774.

58 Ibid., I:774.

59 Ibid., I:774.

60 Ibid., I:776.

61 Ibid., I:763.

eliminação ou a diminuição do imperialismo e para tornar o capitalismo uma sociedade mais justa.

As teorias de Luxemburg e de Lenin tinham erros. Já dissermos quais eram os erros da teoria de Luxemburg. Da mesma forma, descrevemos a crença de Lenin de que o capitalismo estava em decadência e moribundo, apesar de ter admitido que ele estava crescendo mais depressa do que em qualquer período de sua história.

Em relação a Luxemburg e Lenin, assiso como a tantos outros teóricos por nós examinados neste livro, tais erros nos esclarecem quanto aos preconceitos ideológicos de suas teorias. Tanto Luxemburg como Lenin aprenderam o marxismo através de sua participação na Segunda Internacional (organização mundial marxista da classe operária de fins do século XIX e início do século XX). O marxismo da Segunda Internacional tendia a reduzir a rica complexidade e as sutilezas das idéias de Marx a uma visão mecanicista e determinista da morte inevitável e iminente do capitalismo. Tanto Luxemburg quanto Lenin formularam suas teorias para mostrar que esta morte inevitável estava realmente muito próxima, e, quanto a isto, estavam errados.

O erro de Lenin custaria muito aos membros da Terceira Internacional (movimento comunista internacional, formado logo após a Revolução Bolchevique, do qual Lenin foi um dos líderes mais importantes). Na mais acadêmica história do movimento comunista até agora escrita, Fernando Claudin mostrou como a noção de capitalismo moribundo de Lenin contribuiu para muitos erros de organização e táticos importantes por parte dos líderes da Terceira Internacional. Estes erros foram, na opinião de Claudin, pelo menos em parte, consequência do fato de que "Lenin, como Rosa Luxemburg, ... via o capitalismo mundial no estágio do imperialismo monopolista como tendo atingido uma situação final".⁶² Sempre que este elemento de ideologia mecanicista e determinista encontrou eco no marxismo, o efeito foi um sério enfraquecimento das análises profundas e ricas do capitalismo, feitas por Marx e por outros pensadores posteriores, de acordo com a tradição marxista.⁶³

Mas, apesar destas fraquezas, temos que concluir que tanto Luxemburg quanto Lenin aumentaram significativamente nossos conhecimentos sobre como e por que o imperialismo capitalista funciona. As principais forças de suas constatações eram nitidamente diferentes. Lenin aperfeiçoou a análise do imperialismo, de Hobson, demonstrando convincentemente que o crescimento das empresas gigantes, dos trusts e dos cartéis, bem como a extrema desigualdade de distribuição da renda — fatores que tanto Hobson quanto Lenin viam como formadores da base do imperialismo capitalista — pareciam inerentes à própria natureza do capitalismo maduro. Lenin mostrou por que, em seu estágio maduro, o capitalismo era, de fato, um sistema social e econômico muitíssimo alterado

em relação ao que tinha sido em suas fases iniciais. Embora não se possa dizer que Lenin tenha demonstrado a absoluta impossibilidade de reformar o capitalismo, tornando-o, com isso, um sistema econômico mais humano e menos imperialista, ele, sem dúvida alguma, demonstrou que esta reforma teria que afetar os próprios fundamentos da base econômica e social de todo o sistema capitalista, e que isto se defrontaria com a oposição, por todos os meios possíveis, dos governos capitalistas e das grandes empresas, ou seja, da classe capitalista em geral.

A força da análise de Luxemburg era, em muitos aspectos, oposta à da análise de Lenin. Enquanto ele mostrou as características singulares do estágio monopolista do capitalismo que acentuavam e intensificavam a exploração capitalista das áreas economicamente menos desenvolvidas do mundo, ela mostrou a continuidade entre o imperialismo do início do século XX e as transformações sociais surgidas e opressivas do período inicial da acumulação capitalista. Enquanto a análise de Lenin sobre o imperialismo não permitia qualquer refutação direta da visão neoclássica dominante conservadora de que o investimento estrangeiro em países menos desenvolvidos beneficiaria estes países, aumentando seu capital, e, com isso, aumentando a produtividade e o bem-estar econômico geral, Luxemburg mostrou, convincentemente, que este investimento só era possível depois de as instituições sociais e os padrões de relações humanas tradicionais terem sido destruídos. Luxemburg, Lenin e Hobson mostraram que, em realidade, o investimento capitalista nos países menos desenvolvidos era feito à força, raramente trazia qualquer benefício imediato para a maioria do povo, visava exclusivamente a retirar as matérias-primas destes países, dando pouca coisa em troca, além de explorar sobremaneira a mão-de-obra destes países. Mas só Luxemburg mostrou os extremos de destruição social atingidos inevitavelmente para se transformar estas sociedades tradicionais em países capitalistas.

⁶² CLAUDIN, Fernando. *The Communist Movement*. Nova Iorque, Monthly Review Press, 1975, 2 v., p. 158.

⁶³ Exemplos de como o determinismo mecanicista enfraqueceu a análise marxista podem ser encontrados em COLLETTI, Lucio. *From Rousseau to Lenin: Studies in Ideology and Society*. Nova Iorque, Monthly Review Press, 1972, p. 45-108, e em HUNT, F. K. "Socialism and the Nature of Soviet Society". *The Socialist Revolution*, mar.-abr. 1977, nº 32, p. 143-160.